

# O MENOSPREZO AMBIENTAL E A DEPRECIÇÃO DA VIVÊNCIA DOS ESPAÇOS REAIS EM DECORRÊNCIA DA NOVA HABITAÇÃO VIRTUAL

Mariana Moura Pereira<sup>1</sup>

Millena de Souza Silva Lopes<sup>2</sup>

Mônica Peixoto Vianna<sup>3</sup>

Arquitetura e Urbanismo



ISSN IMPRESSO 1980-1785

ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

## RESUMO

O presente artigo busca compreender as transformações das relações humanas com os espaços vivenciados, estes que têm perdido representatividade física ao se tornarem mais abstratos devido à ascensão tecnológica. As mudanças sociais ocorridas com o advento da modernidade serviram como estudo sociológico de Zygmunt Bauman, o qual foi utilizado como análise inicial para a compreensão da ideologia referente à efemeridade social, à individualidade e aos não-lugares. Em consequência, foi analisado como esses novos valores foram materializados com a globalização da arquitetura que, com a dicotomia da atual Guerra Fria, têm comercializado os espaços, gerando uma crise da identidade habitacional ao despersonalizar o lar pela influência tecnológica. Assim sendo, essas transformações de valores geraram problemas não apenas para relações habitacionais como para o meio ambiente, levantando assim, a importância de pensar e se adaptar a sustentabilidade arquitetônica. Conclui-se que há uma grande importância de resgatar e fazer serem compreendidas as transformações dos vínculos relacionais, para que assim os espaços retomem a sua real função e permita que a arquitetura, homem e natureza voltem a caminhar juntos.

## PALAVRAS-CHAVE

Habitação Virtual. Modernidade. Tecnologia. Sustentabilidade.

## ABSTRACT

This article pursuance comprises the transformations of humans relations with the spaces experience, which have lost physical representativity when they become more abstract owing to the technological rise. The social changes, that occurred with the advent of modernity, served as a sociological study of Zygmunt Bauman, which was used as initial analysis for understanding the ideology regarding of social ephemerality, individuality and non-places. Therefore, was analyzed how these new values were materialized with the architecture globalization that, which the dichotomy of the current Cold War, have commercialized the spaces, generating a crisis of the dwelling identity while depersonalizing the home by the technological influence. Thereby, these value transformation begot problems not only for habitations relations but also for the environment, thus raising, the importance of thinking and adapting to architectural sustainability. It is concluded that there is a huge importance of to rescue and make understood the transformation of relational link, so that the spaces resume their real function and allow that architecture, man and nature back to walk together.

## KEYWORDS

Virtual dwelling, modernity, technology, sustainability.

## 1 INTRODUÇÃO

As relações pós-modernas configuraram um novo padrão habitacional, no qual, seus usuários vivem proeminentemente no meio virtual, ignorando a realidade circundante. Assim sendo, foi despertado o interesse em obter uma melhor apreensão de como os espaços reais estão se organizando para comportar sua utilização perante sua invisibilidade e não percepção, enquanto o meio cibernético se sobressai ao proporcionar a vivência de um espaço utópico.

A inserção tecnológica ascendeu o menosprezo dos ambientes naturais ao privilegiar espaços construídos e artificiais. Contudo, embora os espaços mais usuais tenham sido inexistentes, essa degradação ambiental se tornou ainda maior. Logo, procurou-se entender quais os fatores que implicaram nesse contrassenso e quais medidas deveriam ser tomadas para que não haja tamanha degradação.

A expressão neologista, habitação virtual, surgiu para compreender como os novos padrões sociais, manifestados com o processo de aculturação, se materializam espacialmente nas residências e cidades e como os vínculos entre o homem e a tecnologia transmutam as estâncias. O estudo sociológico de Zygmunt Bauman (2001), referente ao mundo líquido, salientou também estas transformações.

Outras fontes que conceberam o conhecimento conclusivo acerca do tema proposto, foram artigos relacionados ao mundo capitalista e suas implicações, a psicologia ambiental relacionada às moradias, a despersonalização do lar, a sustentabi-

lidade arquitetônica e a tecnologia computacional. Além de pesquisas que apontem dados relacionados ao meio ambiente, tecnologia e mudanças comportamentais e psicológicas nos espaços interiores.

O presente estudo utilizou como meios de obtenção a pesquisa documental e bibliográfica, os quais foram os principais recursos para tornar apto o alcance do objetivo à pesquisa descritiva. Os procedimentos que nortearam o desenvolvimento foram o hipotético-dedutivo e o indutivo. A análise tem uma abordagem quali-quantitativa voltada às pesquisas bibliográficas para o seu desenvolvimento. Os métodos de procedimentos utilizados foram o funcionalista, o histórico, o comparativo e o estruturalista. Toda a pesquisa foi pautada pelo conhecimento científico e pela ciência factual.

Por fim, o artigo foi estruturado iniciando-se com a reflexão acerca das transformações sociais perceptíveis com a ascensão da modernidade, ao fazer uma relação com o tempo e a sociedade ao apresentar a filosofia sociológica de Zygmunt Bauman. Em consequência, afere sobre o comportamento individualista materializado em não-lugares, que decorrem do novo mercado da globalização, a arquitetura. Dessa forma, apresenta-se a crise da identidade habitacional que surgiu graças a influência tecnológica da Guerra Fria atual, a que transformou os valores espaciais e relacionais. Assim, para concluir, suscitou-se a correlação entre a vivência espacial com o impacto ao meio ambiente, despertando a importância da valorização da arquitetura sustentável.

## 2 MODERNIDADE LÍQUIDA

A sociedade tem sido transmutada com a inserção da globalização e do capitalismo no mundo atual. Esses fatores foram analisados e estudados pelo sociólogo polonês, radicado em Londres, Zygmunt Bauman, o qual defende a teoria da modernidade líquida. Esse conceito infere primordialmente sobre a busca de uma nova identidade e a reformulação de valores da atual sociedade, a qual não valoriza o permanente, mas o temporário.

Os fluídos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; assim, para eles o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; espaço que, afinal preenchem apenas “por um momento” (BAUMAN, 2001, p.8).

O termo criado pelo sociólogo a fim de estruturar linguisticamente o comportamento da modernidade, surgiu pela semelhança entre esse comportamento e as características físicas do componente líquido. Logo, infere-se a instabilidade e vulnerabilidade social. Os indivíduos vivem numa constante dúvida sobre seus valores e comportamentos, que passaram a ser controlados pelo sistema socioeconômico. As crenças particulares passaram a ser disseminadas e padronizados ao grupo do meio comercial e, as tornam exponencialmente efêmeras. Consequentemente, houve a

perda da personalidade individual, de tal maneira, que o tempo não fosse concebido para uma percepção consciente, gerando angústias e inseguranças pessoais.

Entretanto, embora o homem perceba sua liquidez, não se ver apto a contornar o quadro em que vive, suscitando seus maiores anseios em conflitos, o tempo e a identidade. Na citação acima mencionada, concebe-se a relação e a durabilidade entre o homem e o espaço, seja ele físico ou abstrato, como por um momento. O tempo irá definir o quão ambicioso e importante será o desejo para cada relação, esta que é difícil de ser alcançada, embora muito cobiçada. Todavia, a temporalidade das vontades causa a procura da compreensão do interesse particular.

As sociedades complexas se tornaram rígidas a tal ponto que a própria tentativa de refletir normativamente sobre elas ou de renovar sua ordem, isto é, a natureza da coordenação dos processos que nelas têm lugar, é virtualmente, impedida por força de sua própria futilidade, donde sua inadequação essencial. (BAUMAN, 2001, p. 11).

Bauman (2001) correlacionou as sociedades antepassadas com a atual, caracterizando aquela como modernidade sólida. Na qual, estava associada aos conceitos de comunidade e laços de identificação. Contudo, a ascensão tecnológica interferiu na mudança do estado físico social. O ideal capitalista foi sustentado pela promessa de liberdade e quebra dos padrões com a grande oferta comercial e tecnológica. Assim, a celebre frase do período regencial brasileiro, contextualiza bem esse momento: nada mais conservador que um liberal no poder. O capitalismo não interfere apenas os indivíduos diretamente, como os interferem com a globalização da arquitetura.

Tudo isso seria feito não para acabar de uma vez por todas com os sólidos e construir um admirável mundo novo livre deles para sempre, mas para limpar a área para *novos e aperfeiçoados sólidos*; [...] descobrir e inventar sólidos de solidez *duradoura*, solidez em que se pudesse confiar e que tornaria o mundo previsível e, portanto, administrável. (BAUMAN, 2001, p. 10).

### 3 GLOBALIZAÇÃO DA ARQUITETURA

A arquitetura persiste em sua mundanidade, irremediavelmente atada à sua heteronomia diante de uma realidade sobredeterminada pelo mercado e pela circulação de mercadoria, fazendo submergir os seus produtos também na correnteza confinada da produção cultural contemporânea. (...) a produção da arquitetura adere à lógica da produção cultural propriamente dita, convalidando e fazendo seus esforços de enfrentamento dos antagonismos entre base e superestrutura,

contribuindo pela plena realização do capitalismo. (THIESEN; LOPES, 2014, p. 122).

A arte do criar tem atribuído forças do mundo material e está perdendo a personalidade devido à subordinação ao antagonismo da atual Guerra Fria. Essa crise estrutural, alicerce da cultura em massa, coloca as relações humanas e comerciais em atrito com o próprio espaço. Este é retrato dos anseios humanos, que são influenciados pelas ideologias culturais, as quais, por sua vez, são dominadas pelas potências mundiais, a materialização da ideia de dominação de um pequeno e restrito grupo.

Thiesen e Lopes (2014, p. 126), afirmam que: “Se antes, portanto, a arquitetura valorizava o capital como função antes do que como propriedade, agora passou a valorizar a propriedade como capital”. A arte de projetar está sendo utilizada para concretizar a utopia em uma realidade fictícia, diferindo-se apenas nos valores imateriais incorporados pelos meios publicitários. Contudo, esses malabarismos da contemporaneidade são vistos como uma fuga atormentada ao capital do que um plano genial de aumento lucrativo. A negligência às ilusões esperançosas faz-se entender que há a compreensão da expressão da crise, antes da expressão da “financeirização”.

Não-lugares [...] desencorajam a ideia de estabelecer-se, tornando a colonização ou domesticação do espaço quase impossível. [...] espaço cujo único destino é ser atravessado e deixado para trás o mais rapidamente possível. (BAUMAN, 2001, p. 119).

Os indivíduos perderam a essência com meio real, exceto o vínculo referencial com sua moradia. Sendo este, um lugar propício para as pessoas liberarem sua própria personalidade e serem diferenciadas das demais. No entanto, a influência da globalização impulsionou a abdicação desse lugar, quando os cidadãos passaram a optar por viver em um não-lugar, gerando o êxodo intuitu personae, afastamento de si próprio. Isto posto, é agraciado ao consumidor contemporâneo um novo meio de consumo, o espaço.

Todas as diversidades e excentricidades dos indivíduos e dos grupos, podem ser cultivadas no labirinto dos ambientes internos, ao passo que se perdem ao sair para a rua, onde uma multidão de pessoas se encontram e se ignoram entre si. (BENÉVOLO, 2001, p. 595).

A exponencialidade de compra do homem sobre a vasta gama de opções mercantis o torna esquizofrênico, haja vista a multiplicidade de realidades dentro de um mesmo momento, na qual o afeto é substituído pela ansiedade. Conseqüentemente, a instabilidade e superficialidade geraram a perda dos valores, em que até a cultura tornou-se um produto e os indivíduos estão falidos do novo e encarcerados no passado.

## 4 CRISE DA IDENTIDADE HABITACIONAL

O individualismo e pluralismo são os valores conformacionais do homem moderno, que, ao mesmo tempo, anseiam perder os vínculos, anseiam possuir várias identidades, quebrando com os ideais de padronização. Essa dicotomia individual retrata a realidade do mundo moderno, onde tudo é questão de escolha. Como disse o filósofo revolucionário do século XIX, Karl Marx, “tudo o que é sólido desmancha no ar”, logo, da mesma forma que pode ter tudo, pode perder tudo.

Os residentes temporários dos não-lugares [...] quaisquer que sejam suas diferenças, deverão seguir o mesmo padrão de conduta. [...] todos devem sentir-se como se estivessem em casa, mas ninguém deve se comportar como se verdadeiramente em casa [...]. Um não-lugar é um espaço destituído das expressões simbólicas de identidade, relações e história [...]. Jamais na história do mundo os não-lugares ocuparam tanto espaço. (BAUMAN, 2001, p. 119-120).

A despersonalização do espaço, não ocorre apenas graças aos fatores psicológicos, como também, os materiais, que são representados pelos não-lugares. Onde, seus frequentadores não poderão se relacionar com o espaço, nem sentir afetuosidade. Os espaços passaram a ter um “contrato global”, o que os tornam indistintos entre si. O modo de vida urbana é configurado pelo eletrônico e as relações tornaram-se mais impessoais, nas quais as pessoas têm cada vez menos tempo para as atividades sociais e valores de família e amizade.

Os espaços vazios são antes de mais nada vazios de significado. Não que sejam sem significado porque são vazios: é porque não tem significado, nem se acredita que possam tê-lo, que são vistos como vazios (melhor seria dizer não-vistos). (BAUMAN, 2001, p. 120).

As moradias deverão ser idealizadas a fim de atender as constantes modificações de fatores psicológicos, ambientais e socioculturais. A atribuição do conforto não está apenas nos elementos materiais, mas principalmente, quando satisfaz os anseios psicológicos que conferirão equilíbrio aos seus usuários.

Bernard (2005) ressalta que as mudanças principais que ocorreram com a transformação da modernidade sólida para a líquida foram: os questionamentos aos valores tradicionais, a nova jornada de trabalho, a inserção da mulher no mercado de trabalho e do homem nos afazeres domésticos, a liberdade da sociedade do consumo que desestruturou a refeição em família, os encontros virtuais, a partilha das práticas e dos valores ao mesmo tempo em que se busca a liberdade, a nova imagem do corpo e, conseqüentemente, a ideia de conforto para o encontro do equilíbrio.

## 5 TRANSFORMAÇÕES DOS VALORES HABITACIONAIS

Existe um contrassenso por parte dos estudiosos a respeito dos impactos da tecnologia sob a sociedade. A partir de uma análise crítica, é argumentado que o excesso do avanço tecnológico estaria “quebrando o delicado equilíbrio entre os aspectos fundamentais na conformação do lugar arquitetônico: o espaço, o tempo e o corpo humano” (CABRAL FILHO, 2001). Segundo Philip Tabor (1994 apud CABRAL FILHO, 2001), isso provoca uma violação da habitação, sob ponto de vista psicológico, uma vez que a perda de identidade do morador implica a ausência da casa, dessa maneira, perde-se também, o lado referencial da arquitetura.

A construção do espaço virtual revolucionou as relações interpessoais, configurando-se como uma nova pólis grega, o lugar de encontro da atualidade. Pierre Lévi (1994) atesta esse pensamento ao considerar o espaço cibernético a origem de uma nova arquitetura, urbanismo e, uma vez que se trata de uma pólis, uma nova política.

Dessa forma, o ciberespaço molda também a relação do homem com o meio a sua volta e, conseqüentemente, com a arquitetura e o urbanismo. Concebe-se, então, um quadro em que o ambiente virtual é priorizado em detrimento dos espaços reais. Isso é percebido, por exemplo, na obsolescência da sala de estar. Se antes ela era um dos cômodos mais usufruídos da casa, sendo usada para vivência coletiva, hoje em dia está perdendo seu uso e função, muitas vezes sendo embutida à sala de televisão, porque as pessoas estão se isolando cada vez mais em seus próprios aparelhos eletrônicos e mundos virtuais.

De uma forma geral, os avanços tecnológicos do final do século XX têm provocado na sociedade um afastamento progressivo dos indivíduos (isolando-os cada vez mais) e das referências que se prendem quer com o tempo, quer com o espaço. Pois quando se fala de ciberespaço a primeira noção que nos ascende à consciência caracteriza-se pelo fato de remeter a noção deste para a ausência, arrastando consigo a ideia de algo que não é físico/real [...]. (BERNARDINO, 2010, p. 40-41).

Assim também acontece com o ambiente urbano, que perdeu seu valor habitacional. Não se considera mais a cidade como uma casa e o usufruto dos seus espaços públicos foi substituído pelas redes sociais da internet. A praça, por exemplo, não é usada mais como lugar de encontro uma vez que é possível conversar com os amigos virtualmente. Esse contexto é visto nas ideias de Virilio (1993, p. 9-10), o qual descreve a supressão dos limites geográficos.

Privado de limites objetivos, o elemento arquitetônico passa a estar à deriva, a flutuar em um éter eletrônico desprovido de dimensões espaciais, mas inscrito na temporalidade única de uma difusão instantânea. A partir de então ninguém pode

se considerar separado por obstáculo físico ou por grandes “distâncias de tempo”; pois com a *interfachada* dos monitores e das telas de controle o alugares começa aqui e vice-versa. (...) A partir daí o espaço construído participa de uma *tipologia eletrônica* na qual o enquadramento do ponto de vista e a trama da imagem digital renovam a noção de setor urbano.

Dessa forma, o meio urbano passa a ser usufruído apenas como um mero instrumento de passagem, no qual a velocidade e efemeridade são privilegiadas, ao mesmo tempo em que a globalização padroniza gostos que deveriam ser particulares. Assim, a arquitetura torna-se impessoal e vazia e o laço que o homem possuía com seu lar – seja ele sua casa, escola, biblioteca, cidade – é quebrado à medida que ele se fecha em sua bolha virtual.

No entanto, para José Cabral Filho (2001), a junção com a tecnologia pode gerar para a arquitetura uma nova possibilidade de pertencimento e sentido para a raça humana ao remodelar a interação entre as pessoas.

## 6 ARQUITETURA E SUSTENTABILIDADE

Ao analisar a dificuldade de muitos arquitetos em construir edificações inteligentes, José Cabral Filho (2001) percebe que eles não entendem o porquê de construir e habitar a arquitetura. Segundo ele, a interação fundamental que acontece nela é a entre os usuários, logo, um edifício inteligente será aquele que enaltece a essência do habitar.

Essa essência tem sido perdida na pós-modernidade e, em paralelo, o fenômeno da supervalorização do tempo vem crescendo. As pessoas passaram a viver uma rotina muito mais acelerada e a própria noção de tempo se tornou mais frágil. Dessa forma, os indivíduos passam a fazer uso de tecnologias sem consciência em relação ao meio em que vivem, acarretando em um inconsequente menosprezo ambiental.

Embora se tenha conhecimento de como o Meio Ambiente foi, e continua sendo, indispensável para o desenvolvimento das sociedades e manutenção da vida, o homem ainda mantém com ele uma relação prejudicial. Somente a partir das últimas décadas é que se passa a notar a urgência de agir diante do insustentável quadro resultante dos anos de desprezo para com o Meio Ambiente.

A própria construção civil é responsável pela destruição de recursos naturais e gera repercussões negativas não só durante a obra, como também durante o posterior uso da edificação. É por isso que surge a preocupação da busca por uma construção sustentável, que suavize esses impactos.

A arquitetura sustentável é aquela que, sem que haja a ignorância da estética, está em equilíbrio com o meio ambiente e, leva em consideração, também, os aspectos culturais e econômicos. Como destacado por Vieira e Barros (2009), o movimento Arquitetura Verde caracteriza-se por ser ajustável às necessidades dos utilizadores e por procurar aliar tradições com soluções modernas, utilizando recursos com eficiência, buscando priorizar os aspectos positivos da tecnologia para um melhor desenvol-



vimento da humanidade. Trata-se da tentativa de retomar um olhar cuidadoso que foi perdido na sociedade da conexão virtual, da pressa e do consumo.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo possibilitou o entendimento dos caminhos que levaram ao ser humano perder sua ligação com o meio que o circunda. Notou-se, então, que a problemática possui raízes profundas que estão intimamente atreladas à conformação da sociedade atual.

A fluidez que caracteriza as relações interpessoais contemporâneas espelha os inconstantes valores pós-modernos, que são pautados pela individualidade, efemeridade e fragilidade das ações. Isso ocorre como consequência do fenômeno da globalização, que atua, também, desmanchando a pluralidade natural do homem.

O advento e consagração das novas tecnologias virtuais na sociedade consolidaram de vez as novas tendências do mundo globalizado. Dessa forma, a arquitetura tornou-se padronizada e permeada por um olhar apático do ser humano. Assim, a vivência dos espaços reais foi substituída pela vivência do espaço cibernético, o que leva a construção do conceito da habitação virtual, a nova moradia e meio de encontro nos tempos atuais.

Dessa mesma maneira, a cidade está perdendo sua característica de lugar de encontro e o meio circundante passou a ser desvalorizado. Assim, devido a essa perda de ligação e falta de identificação, inconscientemente o ser humano despreza também o meio ambiente, apesar de entender a sua importância. No entanto, é extremamente necessário resgatar esse vínculo perdido para que o homem, natureza, cidade e arquitetura voltem a caminhar no mesmo sentido.

## SOBRE O TRABALHO

O que impulsionou o estudo do tema foi a importância de compreender a nova relação do homem com o espaço, que se reflete nas relações pessoais e na arquitetura e urbanismo, no mundo contemporâneo em que a tecnologia se insere como instrumento de conformação. Este artigo foi desenvolvido como parte dos requisitos da disciplina "Práticas de Pesquisa na área de Arquitetura e Urbanismo", do Centro Universitário Tiradentes (UNIT) Maceió, tendo sido ministrada pela professora Mônica Peixoto Vianna, doutora em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo. E-mail: [monica\\_vianna@yahoo.com](mailto:monica_vianna@yahoo.com)

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 259 p.

BENEVOLO, Leonardo. A Cidade Pós-Liberal. In: BENEVOLO, Leonardo. **História da**

**cidade**. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1997. p.573-614.

BERNARD, Yvonne. Contribuição da psicologia ambiental para a política de construção de moradias. **Psicologia USP**, São Paulo, v.16, n.1-2, p.213-222, 2005. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1678-51772005000100023&lng=pt&nrm=isso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772005000100023&lng=pt&nrm=isso)>. Acesso em: 13 mar. 2017.

BERNARDINO, Paulo. Arte e tecnologia: intersecções. **ARS (São Paulo)**, São Paulo, v.8, n.16, p.39-63, 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1678-53202010000200004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-53202010000200004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 4 jun. 2017.

CABRAL FILHO, J.S. Tecnologia computacional – desaparecimento ou renascimento da arquitetura. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, Belo Horizonte, v.8, n.8, p.117-127, 2001. Disponível em: <<http://www.mom.arq.ufmg.br>>. Acesso em: 13 mar. 2017.

DIESEL, Ursula; DAMIÃO, Wisgner. A despersonalização do lar: o não-lugar como objeto de consumo da pós-modernidade. **Universitas**, Brasília, v.10, n.2, p.49-58, jul-dez. 2013. Disponível em: <<https://www.ebscohost.com>>. Acesso em: 13 mar. 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LEVY, Pierre. A emergência do cyberspace e as mutações culturais. In: FESTIVAL USINA DE ARTE E CULTURA. **Palestra...** Porto Alegre, 1994. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Z8n2aenud0c>>. Acesso em: 4 abr. 2017.

THIESEN, José; LOPES, João Marcos. Crise estrutural do capital e arquitetura. **Revista Eptic Online**, Sergipe, v.16, n.1, p.120-134, jan-abr. 2014. Disponível em: <<https://seer.ufs.br>>. Acesso em: 13 mar. 2017.

VIEIRA, Luciana; BARROS FILHO, Mauro. A emergência do conceito de Arquitetura Sustentável e os métodos de avaliação do desempenho ambiental de edificações. **Humanae**, Recife, v.1, n.3, p.1-26, dez. 2009. Disponível em: <<http://humanae.esuda.com.br>>. Acesso em: 13 mar. 2017.

VIRILIO, Paul. **O espaço crítico**. Tradução: Paulo Roberto Pires. Rio de Janeiro: 34, 1993. 160p.

---

**Data do recebimento:** 6 de setembro de 2017

**Data da avaliação:** 20 de setembro de 2017

**Data de aceite:** 3 de Outubro de 2017

---

1 Graduanda do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL.  
E-mail: marimourap@hotmail.com

2 Graduanda do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL.  
E-mail: millenasslopes@hotmail.com

3 Professora titular do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL.  
E-mail: monica\_vianna@yahoo.com

